

## O “Sete”: humor como forma de resistência - Análise de um jornal alternativo da cidade de Juiz de Fora<sup>1</sup>

Priscila Gonçalves MAGALHÃES (Graduanda)<sup>2</sup>  
Christina Ferraz MUSSE (Doutora)<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

### Resumo

O trabalho tem como objetivo resgatar a trajetória do Jornal “Sete”, criado pelos jornalistas Ivanir Yazbeck, José Carlos de Lery Guimarães e Marcus Cremonese, na cidade de Juiz de Fora, MG, e que teve sua primeira publicação em maio de 1970. O jornal possuía um conteúdo crítico, bem-humorado, com a presença de *design* gráfico moderno e linguagem irreverente. O “Sete” se destacou na imprensa de Juiz de Fora, sobretudo no que dizia respeito à ruptura de um modelo jornalístico conservador, até então, adotado e mantido pelos principais veículos da cidade, entre eles, aqueles ligados aos Diários Associados, e por ter um conteúdo que dialogava com a juventude, em especial, os jovens que resistiam às imposições da direita conservadora do período ditatorial. Nesse trabalho foram utilizados como base teórica os estudos de Kucinski (2003), Sodré (1999) e Lago e Romancine (2007).

**Palavras-chave:** Jornal “Sete”; Memória; Imprensa alternativa; Ditadura; Juiz de Fora

### Introdução

Nas décadas de 1960 e 1970, os ideais da contracultura “faziam a cabeça” da juventude. Entre os festivais de *Woodstock* nos Estados Unidos e a Tropicália no Brasil, diferentes formas de manifestação cultural eram usadas como forma de resistência, exaltando a liberdade de expressão e a quebra de conceitos pré-determinados. Na cidade de Juiz de Fora, não foi diferente, jornais, como o “Bar Brazil” (derivado do movimento estudantil), traziam de forma alternativa, a arte, a literatura e a cultura para os leitores, promovendo o diálogo e a troca de ideias.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Graduanda – Aluna de 7º período do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista de Iniciação Científica (Pibic/CNPq) e integrante do grupo de pesquisa “Comunicação, Cidade e Memória”. E-mail: [priscilamagalhaes94@gmail.com](mailto:priscilamagalhaes94@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do artigo. Jornalista, mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professora da UFJF no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Coordenadora do projeto “Memórias da Imprensa de Juiz de Fora” e do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade e Memória. E-mail: [musse@terra.com.br](mailto:musse@terra.com.br)

Nesse período, mesmo no auge da ditadura militar, na década de 1970, a juventude resistia, fazendo ouvir a sua voz nos palcos dos teatros, nas letras de música e nos textos de poesia. Dentro das Universidades, o movimento estudantil também se fazia presente, mobilizando os jovens e promovendo eventos culturais. Nesse período, os eventos musicais, como o movimento “Som Aberto” e os Festivais de Música Popular Brasileira, eram amplamente divulgados pelos jornais alternativos da cidade, entre eles, o jornal “Sete”, objeto de estudo desse artigo.

O jornal “Sete” era um veículo que dialogava com o público universitário. Sua postura e linguagem pouco formais atraíam uma juventude intelectualizada e, sobretudo, ciente dos acontecimentos políticos do país.

Na década de 1970, a imprensa da cidade, assim como a de todo o país, se encontrava em uma atmosfera de medo, tanto pela censura que perseguia os jornais e seus jornalistas – sobretudo os da imprensa alternativa – quanto pelas dificuldades financeiras que atingiam boa parte desses jornais. Em Juiz de Fora, de acordo com o jornalista Wilson Cid, os jornais passaram por uma espécie de “enxugamento”, principalmente por conta dos custos industriais elevados e a falta de publicidade, imprescindível para a permanência de qualquer veículo. Nesse período, importantes e tradicionais jornais da cidade, como a “Folha Mineira”, a “Gazeta Comercial” e a “Tarde” desapareceram<sup>4</sup>.

O “Sete” possuía todas as características dos jornais alternativos que ganharam destaque nessa década. O jornal era publicado semanalmente, no formato tabloide e abordava os assuntos de forma própria e original.

Nesse artigo, buscamos resgatar a memória do semanário, bem como, suas principais características, sua origem, fatos e acontecimentos que marcaram a história do jornal, ressaltando também sua importância para a imprensa de Juiz de Fora. Para a construção do trabalho foram utilizados como base os estudos de Sodr  (1999), Kucinski (2003) e Lago e Romancine (2007). Tendo o jornal “Sete” como objeto de estudo, também foram analisados os 20 exemplares, publicados no período de 30 de Maio a 17 de Outubro de 1970, complementando as informa es, por meio de entrevistas feitas com jornalistas, sendo eles: criadores, colaboradores do jornal ou pessoas que acompanharam de perto seu desenvolvimento.

---

<sup>4</sup> De acordo com Wilson Cid (2016), a maior parte da publicidade se concentrava no “Diário Mercantil”, que, em suas palavras, “tinha um poder incrível de influir na sociedade” (Wilson Cid, 2016).

## O jornalismo alternativo na década de 1970

No Brasil, a chamada imprensa alternativa, ou imprensa nanica, se consolidou como um movimento de resistência, ganhando força e formas significativas durante todo o período de ditadura militar, sobretudo após o AI - 5, decretado em 13 de dezembro de 1968, e apontado por Lago e Romancine (2007) como “o marco da ditadura plena” no país. Tais periódicos se destacaram por sua disparidade em relação aos jornais tradicionais, sua linguagem predominantemente crítica e irreverente, e uma tendência a abordar temas polêmicos, até mesmo, nos momentos mais violentos do regime militar no Brasil.

De acordo com Kucinski (2003), o próprio radical da palavra “alternativa” traz à tona quatro das principais características que representavam essa imprensa:

[...] o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes, o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam (KUCINSKI, 2003, p. 13).

Ainda de acordo com o autor, a imprensa alternativa estava predisposta a se tornar parte de um movimento revolucionário, alimentado pelas gerações de 1960 e 1970. Dentro desse contexto, existiram três fases da imprensa alternativa e características de sua postura que evidenciam seu papel na luta contra o governo ditatorial.

No caso, a primeira fase da imprensa alternativa, foi caracterizada por ser um produto de resistência. Ao chegar em sua segunda fase, serviu como facilitadora para a transição de uma política clandestina para a política do espaço público, e por fim, em seu estágio final, tal imprensa fortaleceu essa articulação já estabelecida, incorporando, até mesmo, parte do movimento popular de base. Tais fatores denotam a importância do jornalismo alternativo em um contexto histórico, político e social do país e sua significação para a resistência da esquerda ao regime militar. Kucinski (2003) ressalta que a própria história da imprensa alternativa se confunde com a história das esquerdas do Brasil.

“[...] Apesar de sua natureza essencialmente jornalística, a imprensa alternativa acabou se tornando o principal espaço de reorganização política e ideológica das esquerdas nas condições específicas do autoritarismo” (KUCINSKI, 2003, p. 17).

Embora o extenso número de periódicos lançados nesse período, a forte perseguição aos jornais e as dificuldades de custeá-los de forma alternativa deu à essa imprensa, exceto aos jornais mais populares e com veiculação nacional, a característica de efemeridade. De

acordo com Kucinski (2003, p. 13), cerca de 150 periódicos “nasceram e morreram” no período compreendido entre 1964 e 1980, tendo como traço comum a não aceitação do regime militar. “Do universo levantado de cerca de 150 jornais, um em cada dois não chegava a completar um ano de existência. Vários ficaram apenas nos primeiros dois ou três números” (KUCINSKI, 2003, p. 24). Porém, apesar do pouco tempo em circulação, tais jornais contribuíram significativamente, para fortalecer e dar forma ao movimento de resistência, composto pela imprensa alternativa.

Diferentemente da grande imprensa que permanecia em conformidade com o regime militar, - principalmente por motivos financeiros - os representantes da imprensa alternativa, lutavam pelo restabelecimento da democracia, pelo respeito aos direitos humanos e criticavam o modelo econômico vigente. Tais jornais sofriam forte repressão militar, principalmente os mais populares e irreverentes, que chegavam a ser vistos como inimigos pelos órgãos censores (de vigilância), recebendo assim, uma dose maior de censura e perseguição.

Nesse período, a censura se fazia presente dentro e fora das redações, muitos jornalistas foram perseguidos e exilados, jornais foram apreendidos e redações foram fechadas, para não citar os acontecimentos mais indigestos e silenciados durante os anos seguintes.

Caracterizados, em sua maioria, por seu formato tabloide (adotado por quase todos os jornais da imprensa alternativa desse período), sua periodicidade semanal e uma postura de oposição ao regime militar, a imprensa alternativa, compôs, assim, um forte movimento jornalístico de resistência ao governo ditatorial, promovendo um debate necessário nos anos de repressão, sendo que, a censura foi o principal artifício utilizado contra os meios de comunicação e segmentos artísticos durante tal período, se caracterizando em duas formas diferentes de controle, a censura prévia e a auto-censura.

### **Jornal “Sete” - A origem e seu desenvolvimento**

O jornal “Sete” foi um semanário criado no ano de 1970, pelos jornalistas José Carlos de Lery Guimarães e Ivanir Yazbeck, e que circulou na cidade de Juiz de Fora no período de maio a outubro de 1970, completando cerca de cinco meses em circulação. Em formato tabloide, o jornal assumia uma postura crítica, utilizando-se de uma linguagem jovem e bem-humorada, e apresentando aos leitores um *design* gráfico moderno. No periódico eram abordados os mais variados temas, como: Política, Universidade (no que dizia respeito à Universidade Federal de Juiz de Fora), cidade, literatura, cinema, esporte, automobilismo, e

eventos culturais. Além disso, o jornal apresentava passa-tempos (palavras-cruzadas), montagens com fotos, caricaturas, ilustrações, cartuns, charges, e anúncios publicitários.

De acordo com o jornalista Wilson Cid, tais características diferenciavam o “Sete” dos outros jornais juiz-foranos em atividade na época, sendo eles: “Diário Mercantil”<sup>5</sup>, “Diário da Tarde”, “Gazeta Comercial”, “A Tarde” e “Folha Mineira”.

De acordo com o jornalista Ivanir Yazbeck, a ideia de criar o jornal surgiu em um encontro com José Carlos de Lery Guimarães, em abril de 1970, na cidade de Juiz de Fora. Num final de semana, decidiram criar um semanário, motivados pelo desejo de comandar um jornal na cidade onde nasceram. No encontro, definiram suas principais características, dentre elas, a ideia de se basear no jornal “O Pasquim”, fundado no Rio de Janeiro em 1969.<sup>6</sup>

Marcus Cremonese, um dos responsáveis pelo jornal, ressalta que o “Sete” se assemelhava ao “Pasquim”, mas nunca chegou a copiá-lo. “O tom irreverente do jornal “Sete” era próximo ao do “Pasquim”, embora nunca se pensou em copiá-lo. Havia talento de sobra em Juiz de Fora para fazermos um jornal autêntico [...]” (CREMONESE, 2016).

A convite de Ivanir Yazbeck, Marcus Cremonese se tornou o terceiro integrante da equipe de editores do “Sete”. O jornalista, que na época trabalhava na área comercial do “Jornal do Brasil” (JB), publicado no Rio de Janeiro, passou a ser o principal responsável pelas questões referentes à publicidade do semanário.

Ambos haviam se conhecido no período em que trabalharam no “Jornal do Brasil”, que abandonaram para assumir o novo projeto. Ivanir Yazbeck, em particular, fez um acordo para que o demitissem do jornal, onde cumpria a função de diagramador. Já a relação entre Ivanir Yazbeck e José Carlos de Lery Guimarães teve início alguns anos antes, quando ambos trabalharam no semanário “Binômio”<sup>7</sup>, que circulou na década de 1960, em Juiz de Fora.

O nome “Jornal Sete” foi escolhido pelo compositor, poeta e colaborador do jornal, João Medeiros Filho<sup>8</sup>. No semanário, ele assumiu a função de assistente coordenador, e esteve presente desde o início de sua criação. Ivanir Yazbeck comenta que, em parte, a escolha do nome se deu pela simbologia do número, mas, principalmente, por sua referência

<sup>5</sup> Dando destaque para o tradicional “Diário Mercantil”, criado em 1912, por Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e João Penido, e que, segundo o jornalista, foi o “grande expoente” da imprensa juiz-forana.

<sup>6</sup> Na época, “O Pasquim” já alcançava grande popularidade em todo o Brasil, chegando, mais tarde, a ser considerado um dos principais jornais de resistência, com veiculação nacional (KUCINSKI, 2003).

<sup>7</sup> O “Binômio”, fundado em 1952, e editado por José Maria Rabelo e Euro Arantes, em Belo Horizonte, era publicado em formato tabloide. Sua linguagem política e satírica serviu para influenciar toda uma gama de jornais alternativos que surgiram mais tarde, sobretudo na década de 1970, e que compuseram o movimento de jornais alternativos e de resistência no período mais intenso da ditadura militar no Brasil. A sucursal de “O Binômio” em Juiz de Fora, foi fundada em 1958 e tinha como editor chefe o advogado Fernando Zerlottini; Fernando Muzzi, também advogado, como diretor comercial; e a gerência de Fernando Gabeira.

<sup>8</sup> O nome da coluna social “Vivabela”, presente no jornal, também foi escolhido por João Medeiros Filho.

aos sete dias da semana. “É um número cabalístico, sete pecados capitais, sétimo céu [...] Mas, no nosso caso, é o ‘Sete’ a partir de sete dias da semana, e tem uma sonoridade que é legal, ‘Jornal Sete’” (YAZBECK, 2015).

O “Sete” era lançado semanalmente, sempre aos sábados de manhã. No formato tabloide, o semanário era impresso nas oficinas do “Correio da Manhã”, no Rio de Janeiro, que na época fazia as impressões através de máquinas rotativas. Além dos serviços do “Correio da Manhã”, os responsáveis pelo jornal alugaram um espaço no Edifício do Club Juiz de Fora, no centro da cidade, para instalar a redação do semanário.

A produção do “Sete” era feita pelo trio de editores responsáveis (José Carlos de Lery Guimarães, Ivanir Yazbeck e Marcus Cremonese) e uma equipe de jornalistas colaboradores, citados no expediente do jornal, e classificados em suas respectivas editorias, eram eles: João Medeiros Filho (assistente coordenador), Alceu Rodrigues dos Santos (Redação – Noite), Darci Reis (Universidade), Eugênio Malta (Literatura), Fuad Yazbeck (Humor), Geraldo Magela Tavares (Esportes), Heitor Augusto de Lery Guimarães (Reportagem) e Rogério Bitarelli (Artes).

Por meio da seção de notas, chamada “Cada um na sua”, e de participações especiais, com publicações de matérias, artigos ou crônicas, outros jornalistas tiveram a oportunidade de contribuir com o jornal ao longo de suas edições, como: Hélio Gonzaga, Jahu Lutkeni, Tilda Linhares, Arides Braga, João Máximo (editor de Esportes do “Correio da Manhã”), Dr. Vicente Perroni, Acir Vassalo Vidal, Tônia Carrero, José Luiz Ribeiro, Paulo Autran, Natálio Luz, Munir Yazbeck, J.C. Moreira, dentre muitos outros.

Em informações confidenciais por Marcus Cremonese, e obtidas por intermédio de Eugênio Malta, também colaborador do jornal, foi possível a descoberta de que dois nomes presentes regularmente no veículo eram na verdade pseudônimos de José Carlos de Lery Guimarães, o que explica também a dificuldade de localizar tais jornalistas. Eram eles, Hélio Gonzaga e Tilda Linhares.

José Carlos de Lery Guimarães era o editor. Ele escrevia os editoriais e alguma matéria de maior vulto. Mas o grande segredo do Jornal “Sete” – nunca revelado – era o duplo alter-ego do Zé Carlos. Esses alter-egos se assinavam Hélio Gonzaga e Tilda Linhares. Hélio Gonzaga criticava, por exemplo, erros na administração pública ou apontava certo pecadilho de algum político descuidado, em “sueños” ou na seção de “dicas”. Era sóbrio sem ser moralista e não usava meias-palavras. Já a Tilda Linhares era o pesadelo daquelas mães que ainda queriam que suas filhas rezassem pela cartilha de pudor e recato das antepassadas mineiras. Tilda fumava, bebia e dava dicas de tira-gostos em botequins, onde menina nenhuma ousaria botar os pés àquela época. Quebrando mitos e tabus, debochada, desregrada, Tilda

trazia para as páginas do “Sete” – e para Juiz de Fora – aquele sopro de liberdade (sem o rótulo de feminista) que minha adorada Janis Joplin, na mesma época, uivava nos microfones dos concertos lá na terra do Tio Sam<sup>9</sup> (CREMONESE, 2016).

O jornal “Sete” era dividido por seções e editorias, que falavam de assuntos variados. A “Vivabela” era a coluna social do jornal, caracterizada também por ser uma seção de dicas. Nela, eram divulgados os principais eventos, sobretudo culturais, que aconteciam ou iriam acontecer na cidade, bem como: palestras, exposições, vernissages, festas, shows, festivais de música e de cinema, cobertura de festas de debutantes e casamentos, dentre outros.

Apesar de possuir um cunho informativo, essa seção era, acima de tudo, opinativa. Nela, também eram publicados elogios e indicações de estabelecimentos agradáveis da cidade. Como bem explica Marcus Cremonese, o nome da coluna fazia referência ao hino de Juiz de Fora. “[...] foi batizada de “Vivabela”, que é como a cidade é saudada no hino oficial do saudoso maestro Bicalho. “Vivabela”, essa era a vibrante Juiz de Fora do Joãozinho Medeiros”. (CREMONESE, 2016)

“Gente” era a seção de perfis do jornal, e tinha como objetivo apresentar personagens do dia-a-dia, pessoas que compunham o cotidiano da cidade e que eram facilmente reconhecidas pelos leitores. Dentre os perfis dessa seção estão o deputado estadual Amilcar Padovani, Áureo Gonçalves Maia (um dos barbeiros mais antigos de Juiz de Fora) e Manuel Gonçalves Carriço.

O “Cada um na sua” era a seção de notas do jornal, onde eram veiculadas pequenas notícias sobre assuntos variados. Essa seção era aberta a colaboradores e simpatizantes do “Sete”, não ficando presa apenas aos jornalistas frequentes do semanário. Apresentava conteúdo informativo, mas era, predominantemente, opinativa. Nesse contexto, eram publicadas muitas dicas e comentários bem humorados, muitas vezes, sobre assuntos polêmicos, e que revelavam o posicionamento do próprio jornal.

“Nós éramos muito conhecidos e tínhamos um círculo de amizade bastante vasto para que essas pessoas tivessem acesso a esse ‘Cada um na sua’... Então, são dezenas de nomes que você vai encontrar lá ao longo de todos os números [...]”. (YAZBECK, 2016)

O editorial do jornal era escrito por José Carlos de Lery Guimarães, publicado geralmente na página seguinte ao “Vivabela”, e tinha como temáticas principais: questões políticas e reflexões sobre o cotidiano, em sua maioria, tratando de assuntos voltados para a cidade de Juiz de Fora.

---

<sup>9</sup> Parte do texto escrito por Marcus Cremonese, em resposta a um questionário enviado por mim e intermediado por Eugênio Malta, em junho de 2016.



As campanhas publicitárias eram criadas por Marcus Cremonese, sendo também quase todas desenhadas por ele (sem nenhum tipo de equipamento eletrônico). As charges e demais tipos de desenhos, bem como as montagens com fotos e inserção de balões de conversa, ficavam também sob a autoria de Ivanir Yazbeck e Fuad Yazbeck, sendo o último, o cartunista e ilustrador oficial do jornal. Além de possuir uma diagramação inovadora, e promover uma escrita moderna e bem humorada, o “Sete” se destacava por sua “jovialidade” e sua relação de interação com o público leitor.



Imagem 1 - Capa do Jornal “Sete”. 1ª edição – 30 de Maio/5 de junho de 1970

“As gatas do Sete”, por exemplo, eram jovens mulheres escolhidas pela Redação, e que estampavam semanalmente a capa do jornal. A cada nova edição, o público conhecia uma “personagem” diferente. Ivanir Yazbeck ressalta que a ideia de introduzir essa característica das “revistas”, no jornal “Sete”, era algo inédito, até então, na cidade de Juiz de Fora. As jovens eram geralmente indicadas pelos próprios fotógrafos colaboradores do jornal, Márcio Assis e Lúcio Paulo Alves Martins (Papaulo). Além de estampar a capa do jornal, “As gatas do Sete” - como eram chamadas – ganhavam um espaço na coluna social “Vivabela”, onde eram disponibilizadas informações como: idade, gosto musical, preferências literárias, formação acadêmica, dentre outras características. Yazbeck ressalta que muitas jovens se interessavam em estampar a capa do semanário.

[...] era uma disputa muito grande, ser capa do jornal “Sete” dava um status à menina [...] status de beleza, um status não só de beleza, mas



despertava a vaidade, a verdade é essa: ser capa de uma revista, né, sempre desperta a vaidade das pessoas... (YAZBECK, 2016).

Além das jovens que estampavam a capa do jornal, o gato preto presente no canto superior esquerdo das primeiras páginas, era uma das marcas registradas do semanário. Através de um balão de conversa, o “personagem” interagia com os leitores, sendo atribuídas a ele frases como: “Já sei. Você vai dizer que gostou mais do primeiro!”, publicado na segunda edição, ou “Estamos no quarto, hein?”, presente na quarta edição. No último número, por exemplo, o gato apresenta uma divertida receita culinária onde o próprio personagem é parte dos ingredientes. O gato foi escolhido, principalmente, por sua relação cabalística e pela crença alimentada culturalmente de que os gatos possuem sete vidas.

A seção de cartas tinha como título “Diálogos”, e era destinada a publicar e responder às perguntas, críticas e comentários enviados pelos leitores. Alguns deles escreviam de outras cidades ou regiões do Brasil.

Outra seção conhecida no “Sete” foi o “jornal impossível”, publicado, pela primeira vez, na sétima edição. Criado por Ivanir Yazbeck e publicado sempre nas últimas páginas do semanário, o “Jornal impossível” tinha como principal característica a veiculação de notícias falsas, bem humoradas, e que surpreendiam, exibindo manchetes como “Morte de Clark Kent revela o Super-homem”, ou quando noticiaram o sequestro do apresentador “Chacrinha”.

Na primeira edição, ganharam destaque as seguintes notícias: “Itamar dá coquetel para ‘Jornal Sete’”, “Sinatra virá cantar no V festival” e “Tupi comprou Tostão por Cr\$ 1,5 milhão”, no último caso, fazendo menção a um dos jogadores mais caros do país e um dos principais times de futebol da cidade de Juiz de Fora, o que causou muita repercussão. Tal notícia se tornou assunto novamente na edição seguinte, onde o jornalista e correspondente do jornal “Diário Mercantil”, Arides Braga, escreveu sobre o assunto no “Cada um na sua”.



Imagem 2 - Publicado na seção “cada um na sua”, na 8ª edição do jornal.

A seção de notícias falsas, “Jornal impossível”, foi publicada em mais seis outras edições.

### **O humor como forma de resistência**

A linguagem do jornal “Sete” era inspirada no já popular semanário carioca, “O Pasquim”, que tinha em sua composição grandes nomes do humor e da caricatura, dentre eles: Millôr Fernandes, Jaguar, Ziraldo e Henfil. Os jornalistas do “Pasquim” se utilizavam do humor para esquivar-se da forte censura que regulou a imprensa e os segmentos artísticos durante as duas décadas de ditadura militar. A irreverência do semanário serviu de inspiração e deu abertura para que outros jornais alternativos surgissem nessa mesma época, criando uma onda de periódicos alternativos e de resistência.

Na concepção de Kucinski (2003), os humoristas, dentre eles, jornalistas satíricos e cartunistas, criaram um movimento próprio de resistência, um jornalismo alternativo que tinha muitas influências como base, estilos e visões artísticas diferentes, mas similares em seus ideais, onde o humor, a irreverência e a criatividade eram as principais armas para driblar a censura que os atacava constantemente e enfrentar o descaso dos proprietários da grande imprensa. Tornando-os, também, um dos principais alvos de ataques e perseguições.

Como uma equipe aplaudida por uma grande plateia que compartilha cada momento de seu jogo, o humor brasileiro dos anos de 1970, tornou-se, um ato coletivo contra a ditadura, extravasando os limites não confrontacionais do humor político clássico. Tanto assim que o “Pasquim” foi entendido pela hierarquia militar como instrumento de confronto (KUCINSKI, 2003, p. 44).

Um dos elementos mais utilizados no jornal “Sete”, e que ganhava um sentido crítico e bem humorado, eram as referências ao termo “rinocerontes” criado e (muito utilizado) por José Carlos de Lery Guimarães e que fazia menção às pessoas duras, pouco maleáveis, que assumiam comportamentos intolerantes ou preconceituosos. No editorial publicado na segunda edição do jornal, José Carlos de Lery Guimarães abordou o tema e apontou características que identificavam tais “rinocerontes”. O termo também ganhou destaque em muitas publicações da seção “Cada um na sua”, onde servia para criticar acontecimentos específicos, o comportamento de personalidades conhecidas da cidade, políticos ou pessoas do cotidiano.

A irreverência do “Sete” fez com que o jornal se tornasse muito conhecido em Juiz de Fora e o eternizasse na memória de muitos de seus contemporâneos. Alguns fatos marcantes

de sua trajetória são lembrados tanto por profissionais que contribuíram com sua criação e produção semanal, quanto jornalistas e personalidades que assistiram de perto toda a sua movimentação. A história mais conhecida, e que foi considerada, mais tarde, a única história de censura envolvendo o jornal “Sete”, aconteceu na publicação do terceiro exemplar, com a data de 13 a 19 de junho de 1970.

Ivanir Yazbeck explica que no cruzamento entre duas avenidas principais, localizadas na região central da cidade de Juiz de Fora (Av. Itamar Franco com a Av. Rio Branco), havia um monumento desconhecido sendo construído, encoberto por tapumes e impedindo que a população tivesse conhecimento do que de fato seria. Dentro da Redação, receberam a informação que se tratava de um sinal luminoso, e resolveram escrever sobre o assunto. Ivanir Yazbeck escreveu uma nota, afirmando que seria mais útil para a cidade se, no local indicado, fosse construído um mictório público, e publicou na oitava página do jornal, na seção de notas “Cada um na sua”, assinada por “Jornal Sete”. Sábado pela manhã, com a equipe reunida para preparar os jornais que iriam para as bancas, tiveram o conhecimento de que o “monumento”, citado no jornal, estava sendo construído em homenagem a um general da cidade.

[...] Aí caímos da cadeira, né, então vamos presos, chamar o lugar em homenagem a um general, “Melhor seria, mais útil seria à coletividade se fosse um mictório” equivalia a uma pena de morte [...] Aí, o Zé Carlos teve uma brilhante ideia [...], descemos para comprar gilete, um pacotinho de giletas, vamos recortar todos os jornais, vamos recortar um por um, ou, pelo menos, até um número suficiente para mandar para a banca. Depois, na medida em que forem sendo comprados, a gente vai aos poucos, ao longo do dia, cortando [...] Então, o jornal saiu com um buraco, um buraco mesmo... A gente abria assim, de repente, encontrava lá... Até a gente brincava, “isso sim é um autêntico furo de reportagem” [...] Pela primeira vez, pela primeira e única vez, nós fomos chamados no quartel general [...] Aí, o Zé Carlos foi. Um “coronelzinho” daqueles perguntou a ele: “Chefe, o que é isso daqui?”. Aí, o Zé Carlos saiu com essa, “Isso aí, ô coronel, é uma forma justamente de estimular e excitar a imaginação do leitor”. “Ah, é?! Faz isso nunca mais não, hein? Eu não admito isso, porque isso tá parecendo que é censura”. “Pois é, seu coronel, mas não é não.” “Não faça isso não, não faça isso nunca mais... ok, pode ir” (YAZBECK, 2016).

Além disso, o “Sete” apresentava um posicionamento político definido, mais especificadamente, contrário ao governo de Itamar Franco, MDB, prefeito de Juiz de Fora na época. Foram inúmeras as menções ao prefeito, geralmente criticando aspectos de sua gestão e comportamento político, momentos sempre acompanhados de alfinetadas e gozações,

recheadas com uma expressiva dose de ironia. Logo na primeira edição do jornal, foi publicada uma pequena brincadeira, e que se tornou um acontecimento conhecido na cidade.

De acordo com Ivanir Yazbeck, o prefeito Itamar Franco havia demonstrado interesse em fazer com que o Rio Paraibuna (rio que corta a cidade de Juiz de Fora) fosse navegável. No jornal publicaram um texto irônico e um tanto quanto debochado, escrito por José Carlos de Lery Guimarães, intitulado “E Mar de Espanha morrerá de inveja”, falando sobre o desejo do prefeito. Para acompanhar a matéria publicaram uma espécie de montagem, de um transatlântico sobre o Rio Paraibuna.

[...] uma vez ele disse que gostaria de ver o Rio Paraibuna navegável, falou uma coisa meio assim, aí nós fizemos uma charge, pegamos uma foto panorâmica da cidade, do Rio Paraibuna serpenteando pela cidade e fizemos uma montagem, aliás foi até o meu irmão Fuad Yazbeck, já falecido, foi ele quem fez essa montagem. Ele pegou um transatlântico, recortou direitinho, e fez uma montagem do transatlântico sobre o Rio, ficou lindo, aí dizem que o Itamar quando viu aquilo, que ele ficou furioso [...] o texto foi o Zé Carlos quem fez, chamava Itamar o nauta [...] e que breve o Rio Paraibuna seria navegável, “como seria bom vir de Benfica até o centro da cidade” (YAZBECK, 2016).

Por conta das “alfinetadas” do jornal, seus integrantes, no caso José Carlos de Lery Guimarães, Ivanir Yazbeck, Marcus Cremonese e Rogério Bitarelli, foram convocados para uma reunião com o prefeito.

Naquela semana ele nos convocou. Você vê que ele era uma pessoa mal humorada pra caramba, mas que, no fundo, até era elegante [...] Sentamos numa mesa em que estavam, na cabeceira, o prefeito Itamar Franco, e dois secretários dele, e aí, Itamar começa a reunião dizendo assim: “Que é que vocês têm contra mim?”. “Ué, não temos nada, prefeito, nós estamos fazendo um jornal, nosso jornal é bem humorado”. Ele foi relaxando, mandou servir cafezinho e tudo, e disse que aplaudia a gente, ao contrário do que fez a Câmara, nos aplaudia pela iniciativa, mas era pra moderar um pouco com as críticas a ele, que não era bem assim, acabou com cumprimentos cordiais e tudo, e encerramos ali (YAZBECK, 2016).

Mas as brincadeiras continuaram. Na 14ª edição do jornal, por exemplo, Ivanir Yazbeck conta que estava fechando o jornal, mas ainda não tinha definido o “Jornal impossível”. Folheando uma revista, encontrou a foto de um homem gritando com uma expressão irada, e resolveu publicar na edição daquela semana com a seguinte legenda “O prefeito Itamar Franco manifestando sua opinião sobre o ‘Jornal Sete’”.



Imagem 3 - O “Sete”, 14ª edição. Pág. 16

### **Dificuldades financeiras e encerramento**

De acordo com Ivanir Yazbeck, o “Sete” iniciou suas atividades com uma tiragem de 1200 exemplares, diminuindo para 1000 e, posteriormente, para 800 exemplares impressos, principalmente por conta da fraca venda de jornais. Em todas as vinte edições, a comercialização do jornal girava em torno de 400 a 300 exemplares vendidos, menos da metade do que era impresso no “Correio da Manhã”, no Rio de Janeiro. Diante do número de jornais vendidos, aquém do esperado, o jornal precisava de um expressivo número de anunciantes para se manter, o que também não aconteceu. Diante das dificuldades financeiras, o “Sete” se mantinha por conta das contribuições mensais de seus editores: Ivanir Yazbeck, Marcus Cremonese e, sobretudo, José Carlos de Lery Guimarães. Tais fatores foram os motivos cruciais de seu rápido encerramento.

[...] o que nós queríamos fazer foi muito bem aceito pelos que conheciam, mas não havia um resultado suficientemente à altura do que nós deveríamos ter à mão para seguir em frente. Havia um boicote muito grande do comércio, das indústrias, da própria Prefeitura [...] Nenhum jornal vive apenas da venda avulsa, da sua publicação nas bancas de jornais [...] Desde o “New York Times” ao “Pasquim”, ao nosso “Jornal Sete”, então 80% da renda dele vem da publicidade, os outros 20% vem da venda de banca [...] Preferimos então encerrar essa aventura, mas ela ficou muito marcada na minha carreira, na minha história como profissional e como cidadão, que, nesse momento, nós conseguimos, nesses seis meses, levantar assuntos, temas e debates através da nossa pauta jornalística, de uma forma que, até então, era inédito em Juiz de Fora (YAZBECK, 2016).

Além disso, o “Sete” também precisou diminuir o número de páginas por diversos motivos. Na 12ª edição, o número de páginas reduzidas foi esclarecido da seguinte forma pelos editores:

Devido a problemas técnicos ocorridos no momento em que fechávamos essa edição, fomos obrigados a reduzir o número de páginas, com prejuízo para a seção “Cada um na sua”. Infelizmente, por causa do adiantado da hora, não estiveram ao nosso alcance os recursos para sanarmos as dificuldades havidas, mas já no próximo número voltaremos a circular novamente com as 16 páginas habituais – Os editores (Jornal Sete, edição 12, p. 10).

Após esse primeiro episódio, na 17ª edição, foi publicada uma carta aos leitores, intitulada “Nossa luta”, onde os editores falavam sobre o empenho em produzir um conteúdo original e de qualidade e explicavam suas dificuldades em manter o jornal sem oficinas próprias. Nesse espaço também lamentaram e justificaram sobre a redução de páginas na 12ª edição e um número anterior que não teria saído, apontando seus principais problemas e esforços para entregar o jornal pronto semanalmente. Tais fatores já demonstravam sua frágil estabilidade e uma possível não permanência na imprensa da cidade.

Na edição seguinte, na 18ª edição, em nota publicada na seção “Cada um na sua”, mais uma carta escrita pelos editores revela que retirariam quatro páginas do jornal, ou seja, os próximos jornais seriam vendidos com 12 páginas, e, por conta disso, ficariam mais baratos, passando de Cr\$ 0,50 para Cr\$ 0,30. O jornal publicou mais três edições, antes de encerrar suas atividades.

Levando em consideração estudos baseados na época, por Kucinski (2003) e Sodr  (1999), foi perceptível a dificuldade dos jornais alternativos de se manterem ativos, em meio ao cenário da grande imprensa capitalista, classificada por Sodr  (1999) como “empresa jornalística”. Nesse ponto, era notável a capacidade da imprensa alternativa em conquistar seu espaço, sendo que tal imprensa possuía linguagem, estrutura e público diferenciado – porém, na maioria das vezes, não conseguia lutar de igual para igual com a grande imprensa, sobretudo em um âmbito financeiro.

### **Considera es finais**

O auge da ditadura militar no Brasil instaurou por todo o país uma atmosfera de medo, perceptível nas ruas, nos ambientes artísticos, pelos corredores das Universidades e dentro das Reda es. A censura se fazia presente em todos os lugares, e as dificuldades financeiras, que forçaram o encerramento de diversos jornais na época, também obrigaram muitos outros a lutarem para se manter em circula o. Diante de tantos fatores que contribuíam para um forçado “silenciamento”, a imprensa alternativa surgiu como uma ”luz no fim do túnel”, e contribuiu para que, de alguma forma, a liberdade de expressão não se perdesse por completo.



O jornal “Sete” foi importante para a imprensa de Juiz de Fora, sobretudo, por esse motivo. Com originalidade, ousadia e bom humor, o jornal proporcionou um diálogo com a juventude e com os menos conservadores da cidade, e, além disso, fez presente seu posicionamento político e ideológico, se utilizando de textos críticos e muito bem escritos, elementos artísticos e um jornalismo sério, mas ao mesmo tempo, quase que debochado. Tais características permitiram que o jornal alcançasse seu espaço na imprensa juiz-forana e, apesar do pouco tempo em circulação, não fosse esquecido.

O “Sete” era um jornal que nem sempre se prendia aos padrões do “politicamente correto”, e que se apoiava em uma espécie de liberdade poética, bem como tudo o que envolve arte e humor. Mas também fazia um trabalho jornalístico com responsabilidade e que não perdia em talento e comprometimento de seus profissionais.

### Referências bibliográficas

BRAGA, Arides. Sedira, “Cada um na sua”. **Jornal Sete**. Juiz de Fora, nº 8, ano 1, 18/24 de julho de 1970.

CARTA AOS LEITORES. **Jornal Sete**. Juiz de Fora, nº 12, ano 1, 15/21 de agosto de 1970.

CID, Wilson. **Entrevista** concedida a autora em 16 de Maio de 2016

CREMONESE, Marcus. **Jornal Sete (correção)** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[priscilamagalhaes94@gmail.com](mailto:priscilamagalhaes94@gmail.com)>; <[eacmalta93@yahoo.com](mailto:eacmalta93@yahoo.com)> em 5 de Junho de 2016

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LAGO, Cláudia.; ROMANCINI, Richard. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

MALTA, Eugênio. **Jornal “Sete”** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[priscilamagalhaes94@gmail.com](mailto:priscilamagalhaes94@gmail.com)> em 18 de Maio de 2016

MALTA, Eugênio. **EM TEMPO (SOBRE O JORNAL SETE)** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[priscilamagalhaes94@gmail.com](mailto:priscilamagalhaes94@gmail.com)> em 3 de Junho de 2016

SODRÈ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

YAZBECK, Ivanir. **Entrevista** concedida a autora em 22 de Abril de 2016, e posteriormente, em 17 de Maio de 2016.

YAZBECK, Ivanir. **Entrevista** concedida a Susana Reis e Isabella Gonçalves em 27 de Agosto de 2015.